

Os herdeiros

Barbara Taylor
Bradford

Os herdeiros

Trilogia Ravenscar · Livro 2

Tradução de
MICHELE MACCULLOCH



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2010

Para Bob: por seu amor, apoio e generosidade,
e por estar sempre por perto.

Sumário

PARTE UM 9
Os Deravenel
Triângulo perigoso

PARTE DOIS 257
Ned
Verdade e amor

PARTE TRÊS 351
Bess
A lealdade me obriga

PARTE QUATRO 469
Os Turner
As mulheres de Harry

EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS
BIBLIOGRAFIA

PARTE UM

Os Deravenel

Triângulo perigoso

“Eduardo tinha uma natureza gentil e alegre: apesar disso, sabia assumir uma postura furiosa que poderia parecer terrível para um espectador. Era acessível tanto para seus amigos quanto para outros, até os menos notáveis.”

Dominic Mancini

“Quando os Plantagenet começaram a se matar, começou a queda da dinastia.”

Cidadão londrino, século XV

“Ai de mim! Vejo a ruína da minha casa:
o tigre pillhou a tímida corça,
a insultuosa tirania começa a engrossar
por sobre o inocente e indefeso trono.
Bem-vindos sejam o estrago, o sangue e a carnificina!
Vejo, como num mapa, o fim de tudo.”

William Shakespeare

Ricardo III
Ato II, Cena IV

1

Yorkshire, 1918

A forma como ele descia para aquela parte da praia sempre que voltava a Ravenscar era uma compulsão.

Uma compulsão, sim, mas também uma necessidade arrebatadora de rever, na mente, seus rostos... seus rostos, mas não frios e encerados quando já mortos, mas ainda com vida. Neville, seu mentor, seu parceiro em tantos planos e aventuras; Johnny, seu amado companheiro de juventude. Ele os amara muito e verdadeiramente, os irmãos Watkins, seus primos que também foram seus aliados.

Pelo menos até uma mistura de sentimentos feridos, ambição desenfreada, fortes emoções e elementos perigosos interferirem e forçarem seu afastamento. Tornaram-se inimigos declarados, para desgosto de Eduardo, uma dor que nunca deixou de incomodá-lo. E agora Neville e Johnny estavam mortos.

Eduardo levantou a cabeça, olhou para o céu azul e claro, irrepreensível, sem nuvens, um céu que parecia de verão e tão agradável nessa manhã gelada de um sábado de dezembro. Inesperadamente, seus olhos ficaram úmidos; lutou contra as lágrimas repentinas que brotavam, ainda não acreditando no trágico fim deles, aqui neste pequeno pedaço de praia à beira do cruel mar do Norte.

Como fora inesperado, repentino e abrupto. O automóvel deles desceu a perigosa estrada cheia de curvas à beira da ribanceira, mergulhou quase 200 metros, rolando pelo despenhadeiro e batendo nas pedras embaixo.

Neville e Johnny foram lançados para fora do carro, para a areia, e morreram na mesma hora.

Fora um acidente terrível e desnecessário, que Eduardo sabia ter sido causado pela fúria efervescida, frustração e gênio ruim de Neville. O primo estava com raiva *dele*, e dirigira rápido demais, incitado pela cólera que nem sempre conseguia controlar.

Se Neville, pelo menos, estivesse dirigindo o Daimler de forma normal, ele e Johnny estariam vivos hoje, e talvez tivessem conseguido acertar suas diferenças, acabando com as brigas e chegando a um tipo de reconciliação.

Em um flash de lembrança viva, Eduardo viu Johnny de pé à sua frente... o sério Johnny, tão sincero, tão sábio, cheio do brilhantismo dos Watkins; então, o Johnny tranquilo, despreocupado e alegre, seu bonito rosto risonho e feliz simplesmente por estar vivo. Eduardo fechou os olhos, lembrando-se do passado. As lembranças que o assombravam mais uma vez tomaram conta dele, devastadoras de tão reais.

Após alguns minutos, Eduardo abriu os olhos e colocou a mão no peito. Não conseguiu sentir o medalhão através das várias camadas de roupas pesadas, mas *estava* lá, sobre sua pele... o medalhão de Johnny.

Quatorze anos antes, em 1904, Eduardo presenteara com um medalhão que ele próprio desenhara aqueles homens que o ajudaram na luta para reconquistar e assumir o império de sua família. Em um aspecto, o medalhão era um emblema de honra por representar o sucesso deles. Era de ouro e carregava o escudo da família Deravenel: uma rosa branca de um lado, o sol com todo seu esplendor do outro, com o lema dos Deravenel, *Fidelidade Eterna*, gravado em volta da rosa branca esmaltada.

Aparentemente, Johnny continuou a usar o medalhão apesar das diferenças entre eles. Isso convenceu Eduardo de que Johnny permanecera um amigo fiel até o fim, obviamente um homem dividido entre ser leal ao irmão mais velho e muito influente, Neville, e o primo preferido, Eduardo.

Foi seu irmão Ricardo que encontrou o medalhão no pescoço de Johnny depois do acidente de carro, quando abriu o colarinho do primo estendido sobre a areia, a vida escapando dele.

Precisando avaliar a verdadeira condição de Johnny, Ricardo afrouxara sua gravata, desabotoara a camisa e, na mesma hora, percebera o brilho do medalhão em seu pescoço.

Na noite do acidente, Ricardo entregara o medalhão de Johnny para Eduardo, que mais tarde tirara o seu, que era idêntico, e colocara o de Johnny no pescoço. E vinha usando esse medalhão desde então e o usaria até o dia em que morresse.

Na manhã seguinte, Eduardo dera seu próprio medalhão para Ricardo, como símbolo de seu amor e respeito pelo irmão mais jovem. Ricardo ficara emocionado ao aceitá-lo, compreendendo o quanto era significativo.

Páscoa de 1914. Foi o dia em que eles morreram. Tanta coisa acontecera desde então... a Guerra começou poucos meses depois, em agosto... amigos e colegas morreram nos campos encharcados de sangue da França e de Flandres... ele e Isabel tiveram mais filhos... seus negócios cresceram e se tornaram ainda mais importantes... pessoas morreram, nasceram, se casaram... Ricardo se casara com Anne... o eterno ciclo sempre se repetindo.

Quatro anos antes, dois homens que ele amava e respeitava morreram naquela praia onde estava agora. Ainda assim, para ele, parecia que isso tinha acontecido apenas algumas horas antes. Não conseguia se esquecer daquele dia fatídico, ou expulsá-lo de sua mente.

O som de cascos de cavalo se aproximando interrompeu os pensamentos melancólicos de Eduardo. Ele virou a cabeça e viu o irmão mais novo se aproximando a toda velocidade.

Levantando a mão enluvada, Eduardo acenou, foi na direção do seu garanhão Hércules e, com agilidade, montou na sela. Galopando, foi ao encontro do irmão.

Quando os dois se aproximaram e puxaram as rédeas de suas montarias, antes mesmo de Ricardo pronunciar uma palavra, Eduardo soube que algo estava terrivelmente errado.

— O que foi? O que aconteceu? — perguntou ele, fitando preocupado o irmão, os olhos azuis brilhantes vasculhando o rosto do homem mais jovem.

Ricardo, com a voz cheia de preocupação, disse:

— É o Jovem Eduardo. Tem algo errado com ele, Ned, e...

— *Errado?* Você quer dizer que ele está *doente*? — cortou Eduardo categoricamente, preocupado com o filho no mesmo instante.

Ricardo assentiu.

— Isabel acha que é gripe. Mamãe já telefonou para o Dr. Leighton. Falou com a empregada. Parece que ele e a esposa estão hospedados na casa dos Dunbar, em The Lodge. Ele já está a caminho. Não vai demorar.

— Quando terminou de falar, Ricardo viu que o irmão ficara extremamente pálido.

— Meu Deus, a gripe espanhola — murmurou Eduardo. — É mortal, você sabe. Alguns colegas meus da Deravenels pegaram. É realmente muita sorte que o Dr. Leighton esteja por perto. — Seus olhos estavam alarmados, e ele balançou a cabeça. — Vamos! — Saiu galopando pela praia, a toda velocidade, na direção de Ravenscar.

Ricardo seguiu-o bem atrás, conseguindo alcançá-lo, galopando ao lado do irmão, nunca muito longe de seu adorado Ned quando este precisava dele.

Ravenscar ficava no topo de um penhasco acima do mar, que brilhava como aço polido sob a luz do sol matinal.

A casa fora construída com pedras claras que, com o tempo, adquiriram um tom dourado, e era muito antiga, do século XVI, da era Tudor. Uma verdadeira casa elisabetana, simétrica e de proporções perfeitas, era o lar da família Deravenel havia séculos.

Construída em 1518 pelos ancestrais de Eduardo para substituir a fortaleza destruída que ainda estava ali aos pés da casa, era uma casa que Eduardo amava desde a infância. Apreciava genuinamente sua beleza, valorizava-a pelo significado que tivera para os Deravenel que ali viveram antes e para aqueles que ainda viriam depois que ele deixasse este mundo.

Neste momento, enquanto atravessava a cavalo o quintal e ia na direção dos estábulos, não prestou atenção na grandeza e na elegância dessa residência, nem notou as muitas janelas brilhando ao sol de inverno, nem a fachada de pedra cor de mel ardendo na luz ofuscante do clima nórdico. Só tinha um pensamento na cabeça: o filho. Seu herdeiro. Eduardo, que tinha seu nome e que amava com todo seu coração.

Eduardo precisava vê-lo. O simples pensamento de que o filho tivesse pegado a gripe espanhola o deixava aterrorizado. Era uma doença assassina, transformara-se de epidemia em pandemia desde o último verão, quando apareceu. Pessoas na Europa, Inglaterra, Estados Unidos e muitos outros países em todo o mundo foram abatidas por essa doença, e milhares morreram.

Finalmente chegando ao quintal pavimentado atrás da casa, Eduardo desceu do garanhão de um pulo, olhando em volta, procurando os cavalariços. Nenhum estava à vista.

— Ernie! Jim! — chamou ele. — Voltei.

Ricardo o seguiu pelo quintal e, ao desmontar, disse:

— Eu cuido dos cavalos, Ned. Pode entrar, sei que está ansioso.

Eduardo assentiu e correu sem dizer nem uma palavra.

Ricardo viu o irmão se apressar em direção à porta, o rosto dominado pela ansiedade. As pessoas achavam que Eduardo Deravenel carregava o mundo nas costas, e, em um aspecto, talvez carregasse. Ele certamente tinha tudo que qualquer homem de 33 anos poderia sonhar. Ainda assim, neste momento, Ricardo sabia que o irmão estava verdadeiramente vulnerável, dominado pela preocupação com o filho. Seu enorme sucesso, imensa riqueza e inegável poder não podiam comprar a recuperação do menino. Só Deus e um bom médico podiam fazer isso. Em silêncio, Ricardo rezou para que o pequeno sobrinho ficasse bem. Ele o amava como se fosse um filho, assim como amava todos os filhos do irmão, em especial a sobrinha Bess.

Pegando as rédeas dos cavalos, levou-os pelo quintal até o estábulo, quando Ernie, um dos cavalariços, de repente apareceu com jeito preocupado.

— *Vô pegá procê*, Seu Ricardo — disse o cavalariço, depois acrescentou, desculpando-se: — *Desculpa num tá aqui quando voltaram. É Minnie, a potrinha. Tá arisca, muito arisca.*

Ricardo assentiu, demonstrando que compreendia, ao entregar as rédeas para ele.

— Ela já se acalmou?

O cavalariço disse:

— *Acalmô, mas o sinhô podia dá uma olhada nela? Talvez tenha alguma coisa errada mesmo. Acho que é a pata da frente. A ferradura deve tá solta e ela pode dá mais problema.*

— Certo, vou examinar a pata dela, Ernie, mas preciso ser rápido.

— Só um minutinho, Seu Ricardo, só um minutinho.



Quando Eduardo entrou em casa, surpreendeu-se com o silêncio opressor e, após jogar o casaco sobre um banco no vestíbulo, atravessou o corredor apressado, a testa franzida. Esta parte da casa costumava ter sons constantes, sons familiares... o barulho de potes e panelas vindo da cozinha, assim como a gargalhada alegre e a voz dominante da cozinheira dando ordens para suas ajudantes. Mas, inesperadamente, não havia um único som neste momento, e Eduardo ficou preocupado, pois isso não era normal.

Parou quando chegou ao Grande Salão, curioso pela ausência de Jessup. O mordomo estava sempre rondando essa parte da casa, querendo ajudar, mas não estava à vista.

Eduardo deu de ombros e já ia para as escadas quando Jessup saiu apressado da despensa perguntando:

— Precisa de alguma coisa, Sr. Deravenel?

— Não, mas obrigado mesmo assim, Jessup. Estou subindo para ver meu filho Eduardo. Você o viu esta manhã, Jessup?

— Vi, sim, senhor. Ele está um pouco adoentado, coitadinho. Mas é um rapazinho forte, não é, senhor?

— É, sim. Por favor, leve o médico até o quarto assim que ele chegar, Jessup.

— Sim, senhor, na mesma hora.

Com um leve aceno de cabeça, Eduardo sumiu, subindo as escadas de dois em dois degraus, indo para o andar dos quartos das crianças, onde elas passavam a maior parte do tempo. Atravessando o corredor rapidamente, percebeu que já conseguia escutar o filho de 5 anos tossindo antes mesmo de chegar ao quarto, e sentiu um aperto no peito. Parou do lado de fora da porta por um momento, dominado por uma apreensão repentina, e respirou fundo para se acalmar antes de entrar.

Isabel estava inclinada sobre o filho, e olhou em volta quando Ned correu para a cabeceira da cama.

— Ele está com febre — murmurou ela, acariciando o cabelo ruivo dourado do menino, começando pela testa suada —, e exausto por causa dessa terrível tosse.

Eduardo aproximou-se e apertou o ombro dela, querendo tranquilizá-la. Quando se inclinou sobre o filho, ficou chocado com a aparência dele. O menino parecia estar ardendo em febre, e seus olhos azuis estavam vitrificados. Gotas de suor cobriam seu rosto, e Eduardo ficou ainda mais preocupado ao perceber que o filho não o reconheceu.

Virou-se para a esposa e perguntou baixinho:

— Não temos nenhum remédio para tosse em casa? Deve haver algum, em algum lugar.

— Já demos a ele, Ned, mas fiquei com medo de dar muito e causar uma overdose. É um xarope muito forte. Sua mãe se lembrou, então, de um vinagre de framboesa que costumava fazer para você e seus irmãos. Ela desceu para ensinar a cozinheira a preparar. Ela disse que dava para você quando era criança.

— É verdade. É feito com vinagre de framboesa, manteiga e açúcar, ferve-se tudo, e, como todos aqueles remédios antigos, parece funcionar muito bem.

— Espero que sim.

Olhando para a cama, Eduardo comentou em voz baixa:

— Acho que ele vai se sentir melhor se ficar recostado nos travesseiros em vez de deitado. Pode ajudar a aliviar a congestão no peito se ele ficar sentado.

Sem esperar uma resposta, Eduardo gentilmente envolveu o filho nos braços, levantou-o e disse para a esposa:

— Por favor, levante os travesseiros, Isabel, coloque-os encostados na cabeceira.

Ela fez o que ele pediu sem dizer nem uma palavra; ele colocou o menino sobre eles, beijou sua testa e endireitou seu pijama.

Eduardo olhou para a porta quando esta se abriu e viu sua mãe carregando uma bandeja. Cecília Deravenel exclamou:

— Que alívio você estar aqui, Ned. — E imediatamente colocou a bandeja sobre uma cômoda. — Vou tentar fazer com que ele tome esse xarope. Também encontrei outro remédio lá embaixo que pode ajudar. É aquela mistura para inalar. Comprei em Londres há pouco tempo.

— Você acha que essa mistura é melhor do que o Bálsamo do Frade, mãe?
— Não sei, Ned, perguntaremos ao médico quando ele chegar — respondeu Cecília, e começou a cuidar do neto, colocando uma colher de xarope de framboesa em sua boca.

Após um momento, Eduardo tocou o braço de Isabel e sussurrou:

— Querida, vamos lá fora um momento. — Pegando o braço dela, levou-a para a porta. Uma vez sozinhos no corredor, puxou-a para si e abraçou-a com força, acariciando seus cabelos. Encostado no rosto dela, ele disse:
— Tente não se preocupar. Ele vai ficar bom, Isabel, prometo.

— Você promete, Ned?

— Prometo, Isabel, prometo que ele vai ficar bom logo.

Isabel permitiu que seu corpo relaxasse contra o dele, reconfortada por sua presença, seu calor e seu amor. Quando se tratava do bem-estar dos filhos, confiava nele de forma irrestrita. Além disso, a autoconfiança de Ned, o fato de acreditar que podia controlar tudo e todos sempre fizeram com que ela se sentisse segura. Alguns achavam que essa característica refletia sua arrogância. Ela sabia que não era isso; e ninguém o conhecia melhor do que ela.

3

— **O** Sr. Deravenel me pediu para levá-lo ao quarto imediatamente, senhor — explicou Jessup ao médico, depois de pegar seu chapéu e casaco e colocá-los no armário. — Por favor, me acompanhe; por aqui.

— Obrigado, Jessup — respondeu Peter Leighton, e rapidamente seguiu o mordomo, atravessando o Grande Salão até a escadaria.

Antes de chegarem ao andar dos quartos das crianças, Eduardo, que escutara vozes, estava no topo das escadas, esperando-os impacientemente.

— Bom-dia, Dr. Leighton — exclamou ao ver o médico, e acrescentou: — Obrigado, Jessup. — Assentindo de leve, Eduardo dispensou o mordomo, que logo virou-se e desceu as escadas.

Assim que chegou ao mesmo patamar de Eduardo, o médico estendeu a mão e apertou a de Eduardo.

— Bom-dia, Sr. Deravenel. Então, o Jovem Eduardo está doente?

— Está. Minha esposa acha que é a gripe espanhola. Ele está com febre e tossindo muito. Minha esposa disse que, mais cedo, havia manchas de sangue no lenço dele. Como pode imaginar, estamos extremamente preocupados. Só posso dizer que estamos satisfeitos de o senhor estar na casa dos Dunbar este fim de semana, tão perto de nós.

— Muita sorte mesmo — respondeu o Dr. Leighton, depois perguntou: — Como estão as outras crianças? Mostraram algum sinal de infecção?

— Não, mas também gostaria que o senhor as examinasse depois de examinar o Jovem Eduardo.

— Claro, claro, eu compreendo, Sr. Deravenel. — O Dr. Leighton deu um sorriso tranquilizador para Eduardo e continuou: — A gripe espanhola é muito perigosa, como o senhor deve ter lido nos jornais e escutado no rádio, mas não tem acometido crianças e idosos como a gripe costuma fazer. Essa nova variedade parece infectar principalmente jovens. Mais especificamente homens entre 20 e 30 anos. Enquanto estacionava meu carro perto dos estábulos, vi seu irmão, e devo destacar que *ele* é um bom candidato para esse vírus em particular. Acho que também devo examiná-lo antes de ir embora. — Então o médico terminou, em um tom de voz quase inaudível: — Infelizmente, parece não haver remédio para a gripe espanhola. Ninguém sabe como tratá-la.

Percebendo a apreensão cruzar o rosto de Eduardo, o médico pegou seu braço e murmurou:

— Olhe, não há por que fazer rodeios, Sr. Deravenel, o senhor precisa saber os fatos. Mas vamos torcer para que seu filhinho não tenha contraído essa terrível doença e que ele esteja com um resfriado forte ou bronquite. Sei que também são doenças horríveis, mas pelo menos são tratáveis. *E curáveis*.

— Eu compreendo, e por favor não se desculpe por me dizer a verdade. Por mais desagradável que seja, prefiro ouvir o pior, para saber com o que estou lidando. Detesto surpresas. Vamos ao quarto do Jovem Eduardo. O senhor pode examiná-lo e depois ver meus outros filhos.

Quando entraram no quarto no momento seguinte, Isabel e Cecília viraram-se, cumprimentaram o médico educadamente e se afastaram da cabeceira da cama.

— Vou verificar se as outras crianças estão bem — anunciou Cecília. — Dar espaço para o senhor, Dr. Leighton.

O médico agradeceu, sorrindo grato para Cecília enquanto ela saía; Isabel aproximou-se do marido, que estava perto da porta do quarto, pegou seu braço e apoiou-se nele.

Isabel explicou ao médico:

— A tosse parece ter melhorado depois que minha sogra conseguiu dar a ele uma colher de vinagre de framboesa.

Peter Leighton olhou para ela e assentiu.

— Os remédios antigos são os que parecem funcionar melhor, sabe. — Enquanto falava, tirou o estetoscópio da maleta e inclinou-se sobre o Jovem Eduardo, percebendo na mesma hora que o menino estava com febre e tinha o olhar vitrificado. Auscultou seu peito, depois colocou o termômetro na boca da criança e esperou alguns segundos.

Depois de verificar o termômetro, ele disse:

— A temperatura *está* um pouco alta, mas isso já era esperado. Vou virá-lo, Sra. Deravenel, quero verificar os pulmões.

— Quer ajuda, doutor? — perguntou ela, os olhos fixos no médico, a expressão preocupada.

— Não, não precisa. — O Dr. Leighton deitou o menininho de lado, levantou a camisa de seu pijama e encostou o estetoscópio nas suas costas, escutando com atenção. Um ou dois instantes depois, colocou o menino no mesmo lugar de antes e cobriu-o. Após abrir a boca dele com delicadeza, o doutor usou uma espátula de madeira para abaixar a língua e ver a garganta do Jovem Eduardo.

Finalmente levantando-se e virando-se para Eduardo e Isabel, o Dr. Leighton disse, aliviado:

— Ele *está* com bronquite. Não é gripe espanhola.

Isabel colocou a mão trêmula na boca e engoliu um soluço. Olhou para Eduardo, lágrimas de alívio de repente brilhando em seus cílios louros, e tentou sorrir, sem muito sucesso.

— Tem certeza? — perguntou Eduardo educadamente.

— Tenho, Sr. Deravenel. Ele *está* com todos os sintomas. Deixe-me explicar. A bronquite obstrui o fluxo de ar que entra e sai dos pulmões e interfere na troca de oxigênio entre os pulmões e o sangue, por isso a tosse. As vias aéreas ficam constantemente inflamadas e com muito muco. E, às vezes, depois de um acesso de tosse, aparecem manchas de sangue no muco, por causa da tosse. Vou ligar para um farmacêutico em Scarborough e prescrever um excelente xarope para tosse, assim como um expectorante e um remédio que vai ajudar a baixar a febre. O farmacêutico vai mandar o filho trazer os remédios aqui em Ravenscar. Enquanto isso, podem continuar dando o vinagre de framboesa até que chegue o xarope.

— Obrigada, Dr. Leighton. O que mais podemos fazer? — perguntou Isabel.

— Mantê-lo aquecido, mas não quente. Tentem uma temperatura regular e deixem que descanse sossegado. Ofereçam muito líquido, principalmente caldo de carne e sopa de galinha; os líquidos quentes são melhores — explicou o médico.

Eduardo limpou a garganta, fitou o médico e perguntou:

— E comida? Devemos alimentá-lo?

— Acho que ele não vai sentir fome, Sr. Deravenel, mas, se sentir, dê alimentos leves... gelatinas de frutas, pudim de arroz, pudim de sagu, manjar, pudim de ovos, coisas que sejam de fácil digestão e que possam ser engolidas com pouco esforço, a garganta dele está inflamada. — Depois de olhar mais uma vez para o Jovem Eduardo, o médico pegou a maleta e saiu do quarto com os Deravenel.

— Acho que alguém deve ficar com o menino para atender suas necessidades — informou o Dr. Leighton. — Sei que prefere ficar pessoalmente com ele, Sra. Deravenel, mas, francamente, a senhora está muito pálida e parece cansada demais. Precisa descansar, a senhora não pode ficar doente. O que acha de Ada, a jovem que ajuda a babá? Ela sempre me pareceu muito eficiente.

— Ada é realmente boa, mas a babá dá conta sozinha, tenho certeza. — Isabel sorriu pela primeira vez naquele dia e acrescentou: — E Bess, com apenas 9 anos, se tornou uma galinha mãe nos últimos dias, então pode ajudar a cuidar das irmãs menores. Além disso, a enfermeira da maternidade ainda está conosco, cuidando do novo bebê. Temos uma boa equipe, Dr. Leighton.

— Excelente. Agora, por que não me leva ao quarto das crianças, Sra. Deravenel? Para que eu possa examinar as outras crianças.

4

Cecília Watkins Deravenel estava sentada sozinha na biblioteca. Acomodara-se em um dos grandes sofás confortáveis e fofos que ficavam perto da lareira e estava tomando uma xícara de café, pensando no netinho. Todos o chamavam de Jovem Eduardo, para diferenciá-lo do pai, mas, para ela, seria sempre Nedy. Sempre pensara nele assim, desde seu nascimento. Ele era a imagem esculpida em Carrara do pai quando Ned era um menininho.

Era uma criança tão linda, seu pequeno Nedy... um anjo de Botticelli, com cachos ruivos dourados e olhos azuis, tão brilhantes e cheios de riso. Era um malandrinho alegre, mas esse herdeiro do império Deravenel demorara a chegar, o quarto filho depois de três irmãs: Bess, Mary e Cecília (que recebera o nome em sua homenagem).

Tinha apenas 5 anos, completados no início de novembro, mas às vezes se expressava tão bem que ela achava estar conversando com uma criança muito mais velha.

Cecília estava realmente aliviada por ele não estar com a temida gripe espanhola. Bronquite já era ruim o bastante; mas, por outro lado, nunca ouvira falar de ninguém que morrera com essa doença. Todavia, as pessoas estavam morrendo como moscas depois de contraírem esse novo vírus da gripe. Os jornais agora estavam dizendo que havia mais pessoas morrendo da gripe do que morreram na guerra.

Neste momento, o médico estava no andar superior examinando as outras crianças; mas Cecília tinha certeza de que nenhuma delas estava doente. Passara os últimos vinte minutos com elas na sala de brinquedos que ficava no mesmo andar que seus quartos, e eles estavam animados, felizes e rindo enquanto brincavam com seus brinquedos. Sim, todos estavam bem, incluindo Ricardo, que tinha 2 anos, e Anne, o bebê, nascido havia poucos meses. A última a chegar.

Seu filho podia saber que Isabel não era sua alma gêmea nem uma mulher amigável para se ter como companheira — Deus sabe que ele passa o mínimo de tempo possível com ela —, mas era óbvio que ele ainda se sentia fisicamente atraído por ela. Parece que Isabel exerce um poder de sedução enorme sobre ele quando se trata dos assuntos maritais na cama. Seis filhos, e Cecília tinha certeza de que viria mais em um futuro não muito distante.

Embora Cecília Deravenel nunca tenha gostado da nora, sempre reconheceu sua imensa beleza. Algumas pessoas a consideravam a mulher mais bonita da Inglaterra, com seu brilhante cabelo prateado que caía pelas costas até a altura da cintura, os olhos de um azul-celeste cristalino e uma incomparável pele rosada e sem manchas.

Estava com 38 anos agora, mas Isabel não aparentava a idade: o queixo não estava flácido; não tinha rugas nem pés de galinha em volta dos olhos. Além disso, a silhueta ainda era perfeita, pouco mudara nos 11 anos em que estava casada com Eduardo. Todos se perguntavam como ela conseguia isso, até a própria Cecília.

O problema de Isabel Wyland Deravenel era o caráter. Desde o início, Cecília compreendeu que a nora era ambiciosa, por si própria e por sua família, e havia muitos *deles*, como Cecília sabia bem demais. Havia uma arrogância inata em sua personalidade, e era esnobe. Cecília tinha plena consciência de que o filho mais velho sabia que ela nunca acreditara que Isabel Wyland fosse boa o suficiente para ele. Como Ricardo uma vez dissera, com amargura:

— Ela não é boa o suficiente nem para lambe as botas de Ned, mamãe.

Ricardo conhecia bem o tipo de Isabel. Desde o início ele viu através dela e, na mesma hora, detectou o ciúme que ela sentia dele. Ricardo sabia que ela se ressentia muito por seu relacionamento com o irmão mais velho, e que o invejava por ser o preferido de Eduardo e o aliado em quem mais confiava.

Era verdade, sua nora tinha uma natureza ciumenta e constantemente confrontava Eduardo por causa de fofocas vulgares e vis sobre os casos dele com outras mulheres.

Cecília suspirou. Como não era boba, há muito tempo percebera que o filho adorava mulheres. Ao mesmo tempo, ele não era o mulherengo inventado que sua esposa acreditava. Não hoje em dia. Na verdade, pelo que Cecília sabia, e era muito bem informada a respeito de todos da família, Eduardo tinha apenas uma amiga naquele momento: Jane Shaw, uma mulher divorciada que já fazia parte da vida dele havia um bom tempo. Cecília compreendia que Eduardo era o tipo de homem que precisava genuinamente de uma mulher companheira, e Jane supria essa necessidade.

Will Hasling, melhor amigo de Eduardo e de quem Cecília gostava muito, conhecia bem Jane e sempre falara muito bem dela com Cecília e a convencera de que Jane não era ambiciosa, nem tinha como objetivo se casar com Eduardo, que ela estava completamente satisfeita em ser sua amiga. E eles eram amigos; aparentemente, compartilhavam o amor pela música, pelo teatro e pela arte.

Se Isabel fosse mais esperta, ficaria de boca fechada e pararia de repreender Eduardo pelos casos que não existiam, foi o pensamento de Cecília. Conhecendo bem os homens como conhecia, sabia que ser injustamente acusado costumava jogar um homem inocente nos braços da primeira mulher disponível. Ela era uma tola...

Deixando-se levar pelos pensamentos, Cecília virou-se ao escutar passos e levantou-se quando Peter Leighton entrou na biblioteca, seguido de Eduardo e Ricardo.

— Suponho que todos os meus outros netos estejam perfeitamente saudáveis — exclamou Cecília, sorrindo para o jovem médico.

— Estão, sim, Sra. Deravenel. Diria até que eles estão vendendo saúde. E devo acrescentar que são as crianças mais lindas que já vi.

— Obrigada, doutor — respondeu ela.

Ricardo, aproximando-se da mãe, anunciou:

— O Dr. Leighton disse que estou em boa forma e muito saudável.

— Fico feliz em saber disso — respondeu ela com carinho.

Eduardo murmurou:

— Isabel não vai descer para almoçar, mamãe. Está exausta, principalmente devido à preocupação, acredito. De qualquer forma, o Dr. Leighton insistiu que ela fosse para a cama.

— Compreendo, Ned. — Olhando para o relógio sobre o consolo da lareira, Cecília se dirigiu ao Dr. Leighton. — Suponho que não conseguirei persuadi-lo a ficar para o almoço, já que é hóspede dos Dunbar. Mas talvez queira um café ou um chá? Talvez xerez?

— A senhora é muito gentil, mas vou ter de recusar, muito obrigado. Preciso ir. As estradas estão cheias de gelo, e o que levaria apenas 15 minutos de automóvel levou quarenta esta manhã. Tenho certeza de que entendem que devo sair agora para chegar a The Lodge a tempo de almoçar.

— Claro que sim, Dr. Leighton, e obrigado por nos atender tão prontamente.

— Voltarei amanhã para examinar o Jovem Eduardo. Enquanto isso, Thomas Sloane, o farmacêutico de Scarborough, está preparando os remédios, e acabei de dizer ao Sr. Deravenel que devem recebê-los em breve. Ele vai mandar o filho Albert trazer. Mas continue usando o vinagre de framboesa se o menino tossir demais.

— Farei isso, e obrigada mais uma vez, Dr. Leighton.

Cecília apertou a mão do médico, assim como Ricardo, e então Eduardo acompanhou-o pelo Grande Salão.

Ricardo sentou-se em frente à mãe e explicou:

— O Dr. Leighton só me examinou porque ficou preocupado...

— Você me parece muito bem, Ricardo — cortou Cecília, franzindo a testa.

— Sim, eu sei, e *estou* perfeitamente bem. Parece que os jovens entre 20 e 30 anos são os que mais estão contraindo a gripe espanhola. Ele achou que eu poderia facilmente ser um candidato por causa da minha idade, foi só isso.

Cecília fitou Ricardo.

— Você não está com nenhum sintoma, está?

— Não estou, não. O médico foi apenas eficiente, como de costume.

— Entendo. Gosto muito do Dr. Leighton, e fiquei muito satisfeita quando ele assumiu o consultório do Dr. Rayne. Ele é jovem, inteligente e atencioso. Usa métodos modernos e está sempre atualizado com os últimos avanços. Aprovo sua conduta.

Eduardo entrou com um amplo sorriso no rosto.

— Fiquei tão feliz ao escutar os barulhos de potes e panelas na cozinha agora há pouco. Mais cedo esta manhã, quando voltei da minha cavalgada, a casa estava horripilante, tão quieta, e o silêncio total era assustador. Na verdade, Jessup acabou de me dizer que a cozinheira estava muito triste por causa do Jovem Eduardo, por isso a atmosfera sombria em seus domínios. De acordo com Jessup, ela não deixava nenhum dos outros empregados falar.

— Sei o quanto ela sabe ser mandona às vezes — murmurou Cecília.

Atravessando a biblioteca e indo até a bandeja de bebidas que ficava sobre uma cômoda, Eduardo se serviu de uma taça de xerez Amontillado. Então se dirigiu às portas francesas, parou e fitou os jardins e o mar, perdido nos pensamentos.

Sua mãe disse:

— Ned?

— Sim, mãe, o que é? — Virou-se para encará-la, as sobrancelhas louras arqueadas.

— Hoje é dia 14 de dezembro, só faltam dez dias para o Natal. Acho que devemos pensar em cancelar as comemorações que planejamos. Bronquite costuma durar semanas, até mais...

— Não vou pensar em cancelar. Já decidi cancelar. *Imediatamente*. Devemos fazer isso hoje. Dará tempo para nossos convidados fazerem outros planos... bem, espero. Depois do almoço, vou telefonar para Will, e para

Vicky e Stephen também. Eles são como da família e vão compreender. É melhor falar com Jorge também.

— *Jorge!* — exclamou Ricardo, fitando o irmão boquiaberto. Estava estupefato. — Você não me disse que convidou Jorge, Ned. *Como pôde?*

— Não convidei. Jorge se convidou, e você sabe como nosso irmão é. E também disse que traria Isabel e as crianças.

— Por que você não disse que ele não podia vir passar o Natal aqui? — reclamou Ricardo, demonstrando sua ira, o rosto pálido de repente corado.

Eduardo não falou nada.

— Você sabe o quanto estou chateado com ele, e Anne também. A forma como ele a tratou e impediu nosso noivado foi estarrecedora! — Ricardo balançou a cabeça. — Não quero vê-lo. Nem Isabel. Ela o apoia.

— Ela é fraca — murmurou Ned. — Não ousa se opor a ele.

— Foi ideia minha — interrompeu Cecília calmamente, fitando Ricardo.

— *Por quê?* — questionou Ricardo, a voz em um tom elevado. — Pelo amor de Deus, *por quê?* Jorge me tratou da forma mais abominável possível nos últimos anos.

— Tinha esperanças de que vocês dois fizessem as pazes neste Natal, se tornassem amigos de novo, que voltassem a se amar como irmãos, como era antes.

Com uma gargalhada oca, Ricardo retrucou:

— Nunca mais vou confiar nele, mãe.

— Ele é seu irmão — replicou ela.

— Diga isso a *ele!*

Como ela permaneceu quieta, Ricardo continuou com um tom de voz furioso.

— Você sempre o protegeu, até quando era criança. Ele é o filhinho da mamãe! Sempre se agarrando de forma patética às suas saias, jogando-se para cima de você e se escondendo atrás das suas saias quando fazia alguma maldade. Você sempre o protegia e nunca vou entender por quê.

Cecília balançou a cabeça, e a voz fraquejou um pouco quando tentou explicar.

— Havia algo nele que *me* fazia achar que *ele* precisava de proteção. De uma forma peculiar, eu sempre temi por ele, pois ele parecia tão vulnerável... — A voz sumiu.

— *Vulnerável*. Isso é piada. — Agora Ricardo virou-se para Eduardo, fitando-o. — Jorge o *traiu*, Ned. Não apenas uma vez, mas várias. Ele passou para o lado de Neville depois que vocês brigaram. Ele fazia parte dos planos de Neville de se juntar a Louis Charpentier e tomar conta da Deravenels. E ficou atraído pela proposta de Neville de colocá-lo no *seu* lugar. Jorge achou que poderia *usurpá-lo*. *Seu próprio irmão*. E então se casou com Isabel sabendo que você era contra. Se isso tudo não é traição, então não sei o significado da palavra.

— A culpa é toda minha, Ricardo, de verdade — disse Cecília devagar, querendo apaziguar. — Não fique com raiva de Ned. Eu implorei que Ned perdoasse as transgressões de Jorge porque eu queria reunir a família, tornar-nos um único núcleo de novo. Queria mostrar ao mundo uma fachada unida. Somos uma família famosa, Ricardo querido. *Somos os Deravenel*. Não quero nos expor a fofocas maldosas nas ruas.

— Você se importou comigo? — perguntou Ricardo de forma questionadora, encarando a mãe. — Você considerou os *meus* sentimentos? — Olhou da mãe para Ned. — Você sabe que ele o *traiu* e que eu sempre estive do seu lado, em todos os momentos. Minha lealdade me obriga. E ainda assim você permitiu que Jorge impedisse meu casamento com Anne, o que nos causou muito sofrimento.

Eduardo respondeu logo, adotando um tom de voz sedutor.

— Como vocês dois eram muito jovens, acreditei que teria tempo de resolver as coisas com Jorge. Ele estava criando inúmeros problemas, mais sérios do que você pode imaginar. Olhe, resumindo, ele estava exigindo toda a fortuna de Neville porque Isabel era a filha mais velha. Ele não queria que Anne tivesse uma parte, foi por isso que ele tentou impedir seu casamento... porque sabia que você lutaria pelos direitos de Anne.

— Com Jorge, sempre tem a ver com dinheiro e poder, não é, Ned?

— Verdade. Entretanto, como você concordou em esperar, consegui fazer um acordo com Jorge que você aceitaria. Não vamos nos esquecer que consegui que Anne ficasse com a parte dela na herança de Neville, Ricardo.

— Era um testamento inflexível, se me lembro bem — retrucou Ricardo.
— Neville Watkins nunca deixava nada ao acaso. Nunca cometeria um erro desses! E também sei que ele deixou todos os bens para Nan Watkins. Neville queria que a esposa ficasse com tudo, e só depois da morte dela as meninas receberiam suas partes.

— Sei disso, Ricardo — respondeu Ned no mesmo tom de voz apaziguador. — Precisei contar com a ajuda de Nan, embora talvez você não saiba disso. Também tive de oferecer a Jorge um generoso acordo financeiro, uma quantia enorme, do meu próprio bolso, para conseguir resolver o problema de uma vez por todas.

— Entendo. — Ricardo sentou-se, com a expressão ainda furiosa.

— E você se casou com Anne — comentou Cecília com a voz calma.

— Praticamente em segredo, aqui em Ravenscar. Uma cerimônia minúscula, sem convidados a não ser os familiares mais íntimos — respondeu Ricardo de forma sombria, balançando a cabeça. — Só não entendo por que Jorge sempre tem de ser favorecido. Realmente não entendo. Pessoalmente, acho que ele é maluco. Não vamos esquecer do nosso primo Henry Grant, que passa grande parte do tempo em hospícios...

Ned jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada divertida.

— Ah, Ricardo, você está sugerindo que os genes ruins de Henry Deravenel Grant de Lancaster podem ter sido herdados pelos Deravenel de Yorkshire, os verdadeiros herdeiros de Guy de Ravenel? Os *verdadeiros* Deravenel, como nos autodenominamos?

Se Eduardo achou que Ricardo entenderia a piada, estava errado. O irmão mais novo balançou a cabeça, a expressão sombria deixando sua boca tensa.

— Acho que Jorge é louco. Pense nas coisas estúpidas que ele faz às vezes... aí vai entender o que quero dizer.

— Ricardo, francamente, não é certo dizer essas coisas sobre Jorge. Ele sabe ser muito gentil quando tem boa intenção — respondeu Cecília.

Não, não sabe, pensou Ricardo, mas disse:

— Se você está dizendo, mãe. Podemos acabar com essa discussão sobre Jorge?

Ned disse:

— Vou cancelar as comemorações de Natal, Peixinho, mas se você e Anne quiserem passar o Natal aqui, sabe o quanto nós adorariamos, não é, mamãe?

— Claro, não vejo meu neto há séculos. Talvez Nan Watkins também queira vir em vez de ficar sozinha em Ripon.

— Duvido muito, mãe — disse Ricardo calmamente. — Ela não gosta mais de vir a Ravenscar, e eu compreendo. Faz com que ela se lembre de sua perda. Afinal de contas, o marido que ela tanto amava e o cunhado que mais gostava, Johnny, morreram aqui.

5

Londres

— **P**or que não contou a ele sobre a casa, Ned? Ele precisava saber a verdadeira história, a história toda.

Eduardo Deravenel recostou-se na cadeira e fitou Will Hasling, seu melhor amigo. Ele e Will eram amigos íntimos havia muitos anos e trabalhavam juntos na Deravenels havia 14, desde que Eduardo se tornara diretor executivo. E ele confiava em Will mais do que em qualquer outro homem, exceto seu irmão Ricardo.

A lealdade me obriga: esse era o lema que Ricardo adotara e sempre fora fiel a ele.

Era de Ricardo que eles estavam falando naquela manhã, sentados à mesa de trabalho de Eduardo, em seu escritório na Deravenels.

— Nunca quis entrar nesses detalhes sobre a casa — explicou Eduardo. — Você não acha que soaria estranho? O que quero dizer é: você não acha que ia parecer que eu estava jogando na cara tudo que fiz por ele todos esses anos? Como se estivesse insinuando que me devia favores?

— Ele pode até pensar isso, mas, francamente, duvido muito — respondeu Will, balançando a cabeça de forma enfática. — Não, não vai parecer isso de forma alguma. É ridículo até pensar isso, Ned. E ele *precisa* saber. E quando compreender tudo, ele não vai mais ter nenhum ressentimento nem achar que você colocou Jorge na frente dele... quer dizer, *se* ele pensa isso.

— Na verdade, você está certo, Will. Vou ser franco com ele.

— Você gostaria que *eu* explicasse as coisas?

Eduardo não pôde deixar de rir.

— Sabe, isso passou pela minha cabeça, mas logo rejeitei a ideia achando um tanto boba, já que não fiz nada de errado, muito pelo contrário, na verdade.

Ainda rindo baixinho, Eduardo Deravenel ficou de pé, foi até uma das janelas altas e olhou para a Strand, pensando em como estava congestionada hoje. Mas como era a quarta-feira anterior ao Natal, Londres estava mais movimentada que nunca. Esse era o primeiro Natal alegre depois de quatro anos, agora que a guerra finalmente acabara. As pessoas estavam determinadas a celebrar, a se divertir, a comemorar a paz que finalmente voltara.

O Natal para sua família seria excepcionalmente tranquilo em Ravenscar, mas não se importava. Até gostava da ideia, verdade seja dita. Cancelara todos os convites que enviara para amigos, e todos entenderam seu dilema, compreendendo que estava tentando proteger o Jovem Eduardo. E a eles também. Só Jorge fora cruel, como de costume. Na verdade, até vil.

Virando-se, Eduardo voltou para o meio do escritório e ficou parado ali por alguns segundos, uma expressão reflexiva no belo rosto.

Finalmente olhando para Will, ele disse com calma:

— A discussão desse último final de semana, de certa forma, foi realmente culpa da minha mãe. O desejo dela de reunir a família parece encobrir seu bom-senso de costume. Ela simplesmente não consegue aceitar que Ricardo não tolere mais Jorge, ou que Isabel o deteste porque ele e Neville Watkins foram os responsáveis pela ruína do pai e do irmão dela. Isabel prefere ver Jorge queimando no inferno a recebê-lo em Ravenscar. Infelizmente, minha mãe parece deixar tudo de lado e continua insistindo em perdoar e esquecer, deixar as coisas passadas no passado. Porque somos uma família.

— Ele balançou a cabeça com tristeza e terminou usando um sotaque cockney: — *As coisa num são assim, né, meu camarada?*

— Não. E Jorge sempre foi inimigo de Isabel, desde que vocês se casaram. Ele gosta dela tanto quanto ela gosta dele... — A voz de Will sumiu. Não havia por que lembrar a Eduardo que as pessoas não gostavam de sua esposa. Ela podia ser muito bonita, mas não era uma mulher agradável. A ambição dela pela família não tinha limites. Ela persuadira Eduardo a dar

emprego a vários de seus irmãos na Deravenels, e Anthony Wyland, o preferido dela, tinha um cargo importante na empresa atualmente. Mas Will gostava desse irmão, sabia que era um homem decente, talentoso e que merecia respeito.

Após um momento de silêncio, Eduardo mudou de assunto, comentando em um tom de voz mais animado:

— Jarvis Merson entrou em contato comigo. Ontem à noite. Ele está nos procurando para retomarmos as prospecções em busca de petróleo na Pérsia. No sul da Pérsia, para ser mais exato. Ele quer que compremos outra concessão do xá. Como estamos indo tão bem na Louisiana, ele acha que devemos começar a expandir, agora que a guerra acabou.

Sentando-se a sua mesa, Eduardo continuou:

— Não é a hora certa, sei disso, Will. Entretanto, decidi criar uma empresa para que estejamos prontos para seguir em frente quando as coisas se acertarem no mundo, depois que todos nos recuperarmos da pandemia da gripe espanhola e da guerra...

— Concordo que ainda é cedo para pensarmos em petróleo na Pérsia — interrompeu Will, inclinando-se para a frente. — O mundo ainda está muito tumultuado. Minha opinião é que temos de esperar o próximo ano inteiro. Primeiro, vamos deixar 1919 passar, e só depois pensar em procurar petróleo na Pérsia, lá para meados de 1920. Acho que só então devemos nos arriscar. *Antes não*. Sei que você sempre acreditou muito em Jarvis, e eu também, na verdade. Ele provou ser digno de confiança milhares de vezes ao criar os campos de petróleo da Louisiana, por isso não duvido que esteja certo sobre o sul da Pérsia. Por outro lado, Ned, recentemente ouvi falar que os magnatas da Standard Oil, e também Henri Deterding, da Shell, não estão acreditando muito no sul da Pérsia, eles acreditam que *não* existe petróleo lá. Confio na opinião de Deterding... ele entende muito de petróleo.

— Escutei as mesmas histórias. Mas confio na intuição de Jarvis para petróleo. Ele e seu novo sócio, Herb Lipson, formam um time imbatível, na minha opinião. De qualquer forma, como acabei de dizer, quero abrir uma nova empresa. Quero estar pronto. Estou pensando em chamá-la Deravco. O que você acha?

Will sorriu.

— Parece uma empresa de petróleo. É curto. Vamos torcer.

De repente, bateram forte à porta; Eduardo olhou para o outro lado da sala e disse:

— Entre. — Imediatamente levantou-se com um sorriso no rosto ao ver o irmão Ricardo na porta.

— Aí está você, Ricardo! — disse ele, entusiasmado. Pegando Ricardo pelos ombros, deu-lhe um forte abraço. — Recebeu meu recado sobre o almoço?

— Recebi. Por isso vim até aqui, para saber a que horas pretende sair — respondeu Ricardo.

— Pode me encontrar ao meio-dia e meia e atravessamos a rua até o hotel Savoy — disse Ned.



Quando Will e Ricardo deixaram o escritório, Eduardo ficou sentado por alguns minutos, verificando os papéis em sua mesa. Depois de analisá-los com atenção e fazer anotações em um bloco, recostou-se na cadeira e fitou o ambiente ao redor.

Sua mente foi levada para o sul da Pérsia, para os negócios petrolíferos, e sentiu uma onda de entusiasmo. Sempre acreditara que petróleo era o negócio do futuro; queria que a Deravenels possuísse mais do que os campos na Louisiana, e Merson era o homem certo para fazer esse sonho se tornar realidade. Confiara em Jarvis desde o dia em que conhecera aquele jovem brilhante e loquaz. E estava certo em seu julgamento.

No dia anterior, em uma reunião com Alfredo Oliveri sobre as pedreiras de Carrara na Itália, Oliveri sugerira que procurassem mármore em outros lugares, talvez nas pedreiras da Turquia.

Mexendo-se na cadeira, Eduardo olhou para o mapa que estava pendurado na parede atrás de si. O mapa-múndi de seu pai, com todos os pequenos números escritos de forma tão discreta. A Pérsia ficava bem ao lado da Turquia. Talvez pudessem matar dois coelhos com uma só cajadada. Ele e

Oliveri podiam ir à Turquia para pesquisar sobre mármore e então seguir até a Pérsia para pesquisar sobre petróleo.

Ainda não, claro. Alfredo deixara sua opinião bem clara, usando um tom de voz veemente. A Europa ainda estava numa confusão, a desordem ainda reinava, e não era possível pensar em comprar pedreiras de mármore turcas até que a viagem ficasse mais fácil. E ele e Will tinham acabado de chegar a um acordo de que essa mesma razão também se aplicava ao petróleo.

Só de pensar nessas viagens, ficava animado; essa ideia ajudava a afastar um pouco da irritação que estava sentindo por Jorge.

Abriendo sua agenda, Eduardo leu as anotações que fizera na semana anterior. Sempre metódico, anotou o almoço com Ricardo, depois franziu a testa. Marcara para ver Jane aquela noite. E ainda tinha de comprar um presente para ela.

Hoje era dia 18, faltava exatamente uma semana para o Natal, e na sexta-feira à tarde pegaria o trem até York e de lá seguiria de carro até Ravenscar. No dia seguinte teria o almoço particular com seus amigos mais íntimos da empresa, um almoço que sempre oferecia no Rules, do outro lado da rua. E à noite, jantaria com Vicky e Stephen Forth. Já comprara seus presentes de Natal, e também o de Grace Rose.

Sua adorável Grace Rose, cada dia mais parecida com ele, e já estava com quase 18 anos. *Dezoito*, murmurou baixinho, e se perguntou para onde foram todos os anos.

Seus planos para o resto da semana não lhe deixavam alternativa a não ser encontrar um presente para Jane ainda *naquele dia*. Depois do almoço com Ricardo, iria a uma joalheria elegante. Ela amava esmeraldas, e seria isso que compraria para ela... brincos de esmeralda ou um broche de esmeralda.

Enquanto folheava a agenda, Eduardo percebeu de repente, e um pouco consternado, que ficaria dez dias em Yorkshire. *Dez dias*. Um tempo longo demais perto de Isabel. Talvez houvesse um jeito de corrigir isso. Assim como conseguira corrigir o problema de Jorge e o almoço particular do dia seguinte. Não queria que ele fosse. Desde que cancelara o convite para Jorge e a família irem a Ravenscar no Natal, Jorge vinha se comportando da forma mimada de costume. Tivera um ataque de raiva.

Para acalmar o irmão, Eduardo sugerira que ele fosse à Escócia representá-lo em uma reunião de negócios.

Eduardo sorriu de modo presunçoso. A tática funcionara. Jorge agarrara a chance de negociar com o magnata escocês Ian MacDonald. Boa saída, pensou, um tanto satisfeito consigo mesmo, e então se levantou e foi até o armário do outro lado da sala. Abriu as portas duplas, entrou e começou a girar o disco de seu cofre, até que este finalmente se abriu com um estalo. Tirou uma fina pasta de papéis, fechou a porta do cofre e o trancou.

Lembrou-se de que queria que o ano seguinte fosse uma página em branco. Tinha muitas mudanças a fazer.



Ricardo e Eduardo sentaram-se um em frente ao outro no bem decorado restaurante do hotel Savoy. Após brindarem com champanhe Krug, analisaram o cardápio e fizeram seus pedidos.

Como tinham gosto parecido para comida, entre outras coisas, ambos escolheram ostras Colchester como entrada, seguidas de torta de carne e rins. Ambos compartilhavam o gosto por roupas elegantes, embora Ricardo fosse bem mais conservador que o irmão.

Gostavam de conversar sobre livros, política inglesa e notícias sobre o mundo que liam nos jornais. Concordavam em quase tudo, já que Eduardo criara Ricardo depois que o pai deles fora assassinado na Itália, e passara para o irmão mais novo o amor pela justiça e pelo jogo limpo.

Como Eduardo, Ricardo era um homem compassivo que compreendia a dor e o sofrimento alheio. Ned preferia Ricardo desde a infância, o mimava, o fazia se sentir especial e o protegia de todas as formas. E, naturalmente, ele era um aliado leal de Eduardo, e defensor, sempre que necessário. Ricardo admirava Ned, e o adorava.

Os irmãos recostaram-se em suas cadeiras e tomaram lentamente o melhor e mais caro champanhe francês. Após um momento de silêncio, Eduardo inclinou-se para a frente.

— Olhe, Peixinho, tem uma coisa que quero lhe contar...

Interrompendo-o logo, Ricardo exclamou:

— Antes que diga qualquer coisa, quero me desculpar, Ned. Eu cometi um erro ao discutir com você sobre Jorge no sábado. Não tenho desculpa, só posso dizer que deixei meus sentimentos me dominarem. Sinto muitíssimo.

— Não tem do que se desculpar, Peixinho — murmurou Eduardo, a afeição exposta no rosto.

O carinhoso apelido de infância fez Ricardo sorrir, e de repente começou a rir.

— Estou velho demais para ser chamado de Peixinho, não acha, Ned?

O irmão mais velho acompanhou-o na gargalhada, então respondeu:

— Não, porque você só tem 22 anos, rapaz. Entretanto, *foi culpa* minha, de verdade. Eu deveria ter dito não quando mamãe me perguntou se permitia que Jorge fosse, depois de ele praticamente se convidar. Cedi à vontade dela de trazer harmonia à família.

— Eu sei. E prometo que não falarei nada amanhã no almoço... nem uma palavra.

— Jorge não vai ao almoço.

— Por que não? — Ricardo pareceu surpreso.

— Ele vai viajar esta tarde. Na verdade, enquanto estamos conversando, ele deve estar embarcando no trem, a caminho da Escócia.

— Por quê?

— Pedi para ele me representar em uma reunião em Edimburgo, marcada para a próxima sexta-feira. Com Ian MacDonald, sobre o império dele no setor de bebidas. Como você sabe, Ian não tem herdeiros, e há um tempo ele me procurou para assumir os negócios. Eu já tinha marcado uma reunião, mas cancelei dois dias atrás, na segunda-feira. Usei a desculpa da doença do Jovem Eduardo, dizendo que não queria me afastar etc. Sugeri Jorge como meu substituto. Ian ficou um pouco decepcionado, mas no final concordou. Afinal, Jorge é um Deravenel.

Ele nem sempre se comportava como um, pensou Ricardo, embora não tenha expressado isso em palavras, ficando em silêncio enquanto escutava Eduardo com atenção.

— E então conversei com Jorge... — continuou Eduardo.

— E ele concordou? Simples assim? — interrompeu Ricardo, juntando os dedos e lançando um olhar de dúvida para o irmão.

— Concordou — respondeu Eduardo. — Porque ofereci um incentivo que realmente o atraiu. Na verdade, Jorge não poderia recusar a oferta que fiz.

— E qual foi?

— *Dinheiro*. O produto preferido de Jorge. Disse que ele ganharia um bônus substancial da empresa se conseguisse fazer um acordo com Ian MacDonald, um acordo que favorecesse a Deravenels.

— Então você realmente quer o império de bebidas do MacDonald? — Ricardo recostou-se.

Eduardo deu de ombros e fez uma pausa antes de responder.

— Bem, quero, acho que sim.

— Jorge pode facilmente estragar tudo, você sabe, se ele não souber lidar com a situação. Ele pode ser extremamente volátil em negociações.

— Sei disso; se isso acontecer, aconteceu. Do meu ponto de vista, o acordo pode tomar qualquer caminho, e não vou perder noites de sono por causa disso. Ou por causa do resultado final. O mais importante é que consegui afastar Jorge de mim pelo resto da semana e para o Natal.

— O que você quer dizer por *Natal*? — perguntou Ricardo, a voz confusa.

— Ian tinha me convidado para passar o Natal na Escócia. Ele queria que eu fosse com a minha família passar as festas na propriedade rural dele. Recusei com educação, dizendo que já tinha convidado vários amigos para comemorarem o Natal conosco em Ravenscar. Então, quando falei com Ian na segunda, pedi que ele convidasse Jorge e a família porque eu cancelara as festas em Ravenscar devido à doença do Jovem Eduardo.

— E MacDonald concordou?

— Concordou, sim. Ele é viúvo e sua única filha tem três filhas pequenas... Acho que quando convidou a minha família, estava querendo criar uma atmosfera feliz em sua casa em Lammermuir Hills. Então ele acabou gostando da ideia de receber Jorge e a família. Eu sei ser muito persuasivo.

— Todos sabemos disso, Ned. — Ricardo hesitou, abriu a boca para dizer algo e, então, parou abruptamente.

Eduardo fitou-o com atenção e perguntou:

— O que foi?

— Eu ia dizer mais uma vez que você *está* arriscando o acordo.

— Tenho plena consciência disso. — Eduardo abriu um sorriso e acrescentou: — O acordo não é crucial para a Deravenels. Eu não me importaria de ficar com a empresa de Ian, já que é tão forte no setor de vinhos. Entretanto, minha principal preocupação no momento é afastar Jorge.

Ricardo assentiu e desviou o olhar por uma fração de segundo antes de dizer baixinho:

— Jorge não foi à Escócia tão feliz apenas porque você lhe ofereceu um bônus substancial. Ele tem sede de poder, e você acabou de lhe dar uma grande dose... fazendo dele seu representante.

— É verdade, Ricardo. Mas vamos mudar de assunto. Como mencionei mais cedo, tenho algo para lhe contar... gostaria de fazer isso antes de o almoço ser servido, se você não se importar.

Ricardo apenas assentiu, imaginando o que seria.

— Dois anos atrás, quando você e Anne se casaram, Nan Watkins lhes deu um presente. Estou certo?

— Você está se referindo à escritura da casa de Neville em Chelsea, não está?

— Aquela casa nunca foi de Neville, sempre pertenceu a Nan. Foi ele quem comprou, com seu próprio dinheiro, mas, na verdade, comprou para Nan. Ele deu a casa de presente para ela imediatamente, e a escritura ficou no nome dela, não no dele. — Como Ricardo não falou nada, Eduardo continuou: — Bem, sei disso porque vi a escritura. Nan me mostrou.

Ricardo suspirou.

— Nan deu a escritura para Anne, que apenas leu por alto e me mostrou a carta de Nan. Depois guardou a escritura.

— Então você não a viu?

— Não. Por quê? O que importa? Afinal, Nan nos deu a casa.

— Não, Ricardo, ela não deu. Eu dei a casa para vocês.

Assustado, Ricardo exclamou:

— Como assim?

— Pouco antes de vocês se casarem, poucos meses antes, fui à casa de Nan Watkins. Disse a ela que queria comprar a casa de Chelsea para dar a você e Anne. No início, ela não queria vender. Na verdade, ela tivera a mesma ideia e ia dar a vocês como presente de casamento. Entretanto, chamei a atenção dela para uma coisa: Jorge, sendo tão ganancioso como é, poderia ser contra. Disse, inclusive, que ele poderia tirar a casa de vocês, já que Anne e Isabel serão as herdeiras do patrimônio de Neville depois que ela morrer. Sendo assim, Isabel também tinha uma participação na casa.

— Você está certo, Ned! Ele poderia ter feito isso! Ele certamente é capaz de algo assim, diabólico o suficiente. E ganancioso, como você disse. Então, como você a convenceu de vender a casa para você? — perguntou Ricardo, curioso.

— Acabei conseguindo convencê-la. Lembrei a ela que *eu* conhecia Jorge melhor do que qualquer pessoa no mundo. Também expliquei que eu daria a casa para você e Anne, e assim Jorge nunca poderia colocar as mãos nela, e que ela ainda poderia dar a vocês, como se fosse um presente dela para vocês dois.

— Esse foi um bonito gesto, Ned, e obviamente ela aceitou. Mas me pergunto por quê? Por que ela não nos disse a verdade na época? Teria sido mais honesto, não acha?

— Devo dizer que a culpa é minha mais uma vez. Convenci-a a dizer que *ela* estava dando a casa para vocês e a entregar a escritura que Neville dera a ela anos atrás, para que vocês achassem tudo normal. E, claro, Jorge também. Para eliminar qualquer problema que Jorge pudesse causar a você e Anne mais tarde, meus advogados junto com os de Nan fizeram alguns documentos: um contrato de venda, uma nova escritura no meu nome e um terceiro documento legal dando a casa de presente para você.

— Está querendo dizer que você deu a casa para *nós*, *para mim e Anne*, ou para *mim*?

— Só para você, Ricardo. Não podia arriscar. Não queria o nome de Anne em nenhum documento. Em outras palavras, comprei a casa de Nan Watkins e, então, como novo proprietário legal, doei para um terceiro. Tudo muito legal. Em essência, o que fiz foi tirar Anne e Isabel do jogo, já que comprei

diretamente da mãe delas, que tinha todo direito de vender porque era *dela*, e não parte dos bens de Neville.

Por um momento, Ricardo ficou em silêncio, parecendo um pouco perplexo.

Sorrindo, Eduardo pegou a pasta fina que pegara no cofre mais cedo e a entregou a Ricardo.

— Aqui está a escritura da sua casa. Ela teria ficado guardada em segurança comigo para sempre, mas achei que você deveria ficar com ela, já que a casa é sua.

— Você não me entregou a escritura antes porque queria proteger Nan, não é?

— Suponho que sim... não queria tirar o crédito dela. Em um aspecto, ela foi apenas uma espectadora inocente, mas queria dar a casa para vocês de qualquer forma.

Ricardo pegou a pasta e segurou-a com força por um momento, olhando para ela. Mas não a abriu. Colocou no chão ao lado de sua cadeira e ficou fitando o irmão, sem palavras. Finalmente, disse, sendo gentil:

— Obrigado, Ned. Você é o melhor irmão que alguém poderia ter.

— Você também, Peixinho, a quem eu amo de todo o coração e em quem confio cegamente.